



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

GT (Relações Internacionais)

RAYMOND ARON: MARXISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ana Vitória Rodrigues da Silva¹

Daniela Felipe Silva de Souza²

Nina Beatriz Marinho Monteiro Kreimer³

Olívia de Carvalho Jubileu⁴

Tainá Cesar Almeida⁵

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação do sociólogo Raymond Aron com o campo das Relações Internacionais e com o Marxismo. A escolha dessa associação decorre do fato de Aron ter sido um importante interlocutor em ambas as áreas, despertando o interesse em verificar se suas contribuições poderiam apresentar pontos de convergência ou diálogo. Para tanto, foi realizado inicialmente um panorama histórico de sua trajetória intelectual e pessoal, partindo do entendimento de que Aron foi profundamente influenciado pelo contexto político e social de sua época. Em seguida, buscou-se compreender como o autor interpretava o Marxismo, destacando as principais críticas que formulou a essa corrente de pensamento. Nesse sentido, evidencia-se que, embora reconhecesse a relevância histórica do pensamento marxista, Aron apontava suas limitações teóricas e suas consequências quando aplicado de forma rígida à realidade social e política. Por fim, o estudo aborda a inserção de Aron no campo das Relações Internacionais, destacando suas contribuições teóricas e críticas. Sua obra revela não apenas um olhar atento às dinâmicas do sistema internacional, mas também uma postura de contraponto às leituras de matriz marxista. Assim, compreende-se que o pensamento de Aron se caracteriza por uma posição de diálogo crítico, em que se busca articular a análise histórica e sociológica com o estudo das relações entre Estados.

Palavras-chave: Raymond Aron; Relações Internacionais; Marxismo.

¹ Graduanda do Curso de Relações) - UFRN. E-mail: vitoria.rodrigues.700@ufrn.edu.br

² Graduanda do Curso de Relações) – UFRN. E-mail: danielafelipe.ufrn@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Relações) - UFRN. E-mail: ninabeatrizkreimer@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Relações) - UFRN. E-mail: olivia.jubileu.401@ufrn.edu.br

⁵ Graduanda do Curso de Relações) - UFRN. E-mail: taina.cesar.062@ufrn.edu.br



27^o Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

1 INTRODUÇÃO

Raymond Aron foi um homem do século XX, período o qual a tendência ideológica dominante era o marxismo e, conseqüentemente, essa forma de pensamento impactou na sua produção científica. Além disso, ele viveu grandes acontecimentos históricos, como as Guerras Mundiais e a Guerra Fria, e isso, novamente influenciou seus estudos. Nesse sentido, o artigo irá discorrer sobre sua crítica ao marxismo e as suas contribuições às relações internacionais, buscando identificar se ambas as visões se interceptam.

1.2 OBJETIVO

Neste artigo o objetivo principal é observar se existe relação entre as críticas sobre o marxismo, realizados por Raymond Aron, e suas contribuições para o campo das relações internacionais. Para isso, foi estabelecido três objetivos específicos: compreender a trajetória da vida e o contexto em que Aron estava inserido para identificar como isso se refletiu em suas obras; investigar como ele estruturou sua análise crítica sobre o marxismo e, por fim, definir as contribuições do autor para os estudos das relações internacionais.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

2 QUEM FOI RAYMOND ARON

Raymond Aron foi um cientista político, filósofo e jornalista francês. Nascido em 1905 em uma família judia, experienciou a 1ª Guerra Mundial logo na infância. Aron estudou na *Lycée Hoche*, escola prestigiada em Versailles, ao lado de figuras como Jean-Paul Sartre. A escola o preparou para ingressar na *École Normale Supérieure*, universidade encarregada de formar muitos dos acadêmicos do país, onde concluiu sua formação de filosofia em 1928.

Posteriormente, tornou-se professor na Universidade de Toulouse. Seu primeiro artigo, publicado em 1934 na revista *History*, foi desenvolvido no início da década de 1930, após passar um período na Alemanha, onde assumiu o cargo de professor na Universidade de Colônia e, durante esse período, teve contato direto com o estilo de pensamento alemão, incluindo de autores como Max Weber.

Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939, Aron entrou na Força Aérea Francesa e se juntou às forças francesas livres, um grupo militar de resistência liderado pelo general Charles de Gaulle em Londres. No período pós-guerra, já trabalhando como jornalista, ele produziu e publicou milhares de colunas, ensaios e livros acadêmicos, na publicação de seus primeiros livros estão inclusos o “*The Century of Total War*” de 1951, e sua obra mais notória, “O Ópio dos Intelectuais”, que critica a tendência por parte europeia em romantizar regimes autoritários sob o pretexto de ideais utópicos. Como o próprio afirma: “A crítica sistemática da sociedade ocidental, mesmo quando exagerada ou injusta, é aceita com indulgência; a crítica dos regimes totalitários é recebida com suspeita” (ARON, 1955).

Por um dos seus temas recorrentes serem a violência e a guerra, o autor também escreveu obras que dizem respeito ao campo das Relações Internacionais (R.I.), como “Paz e Guerra Entre as Nações” de 1962, onde se analisa as R.I. com base em um realismo moderado, ressaltando a tensão constante entre a lógica do poder e a moralidade política. Ele escreve: “A paz não é uma ordem natural, mas uma construção política” (ARON, 1962), destacando que a estabilidade internacional depende mais de prudência e equilíbrio de força do que idealismos abstratos.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Em Paris, cidade onde residiu até o final de sua vida, Aron assumiu uma posição como colunista no jornal francês de centro-direita *Le Figaro*, cargo que ocupou por 30 anos. Em suas colunas era conhecido por misturar reflexões sobre a natureza política moderna, guerra e Relações Internacionais com análises das principais questões políticas da época. Deixou o jornal em 1977, tendo seu último cargo jornalístico no jornal *L'Express*, onde foi presidente do conselho de administração até seu falecimento em novembro de 1983.

2.1 CONTEXTO HISTORICO

Raymond Aron viveu durante um período conturbado, repleto de diferentes conflitos e tensões internacionais que marcaram profundamente a época e a história da humanidade em geral. Diante disso, surgiu sua preocupação em estudar de forma crítica a motivação e os desdobramentos desses grandes acontecimentos. Ele entende as guerras como uma expressão do que estava acontecendo na geopolítica global e por isso buscou compreendê-las, visando aprender sobre as estruturas de poder e os desdobramentos desses fatos.

Durante seus primeiros anos de vida, o mundo foi abalado pela Primeira Guerra Mundial (1914–1918), conhecida na época como “a guerra para acabar com todas as guerras”. Embora ainda fosse criança, Aron, mais tarde, se dedicaria ao estudo desse conflito, interpretando-o como o marco do rompimento do equilíbrio europeu e, também compreenderia que os grandes líderes das potências durante o período não tinham consciência de seus atos e não estavam preparados para lidar com a grande violência e as consequências deixadas pelo conflito. Alguns anos depois, a Segunda Grande Guerra trouxe outro abalo para o mundo, com a ascensão dos regimes totalitários o que, segundo o autor, demonstrava a falha das democracias liberais em conter o avanço desse tipo de regime e um grande embate entre a liberdade e a opressão. Com novas potências mundiais surgindo e algumas enfraquecendo, o mundo já via uma nova ordem mundial se constituindo gradualmente e Raymond Aron também observou isso.

Ademais, depois da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo vinha enfrentando diversas crises e não era mais visto com tanto respeito e prestígio. Com a União Soviética ganhando grande destaque no conflito, o modelo socialista foi visto por muitos estudiosos



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

como a solução para os problemas socioeconômicos do século XX. Esses fatores foram o estopim principal para o pensamento Marxista receber muita atenção internacional nesse período. Foi assim que Raymond Aron se tornou um dos principais críticos da teoria de Marx, que ele já estudava pelo menos desde 1930.

Assim, com a Guerra Fria, na última fase da vida de Aron, ele ficou conhecido por suas análises rigorosas sobre essa disputa e pela crítica contundente ao que chamava de “ilusões da esquerda marxista”, como demonstrado em sua obra “O Ópio dos Intelectuais” (1955). Para Aron, esse conflito não era somente uma disputa de poder, mas um embate entre dois modelos de sociedade — a democracia liberal e o totalitarismo comunista. Inclusive, ele foi um dos primeiros a utilizar a expressão “Guerra Fria”, contribuindo para consolidar essa denominação histórica e deixando um legado que permanece até hoje.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das principais características que Aron atribuiu ao marxismo é a de que ele seria o ópio dos intelectuais — termo desenvolvido em seu livro homônimo, publicado em 1955. É válido, antes de continuar, fazer um breve parêntese para discorrer sobre a definição de “ópio”, o qual é, segundo o *Oxford Dictionary*, “aquilo que serve de paliativo ou que provoca adormecimento, embrutecimento moral” (OXFORD DICTIONARY, [s.d.]).

Nesse sentido, Sanca (2021) argumenta que Aron evidencia sua ideia — com maior foco no capítulo IX: A Alienação dos Intelectuais — de como o marxismo passou a ser visto pelos intelectuais como uma religião secular. Essa religião gira em torno da promessa de um mundo igualitário e pós-capitalista, utilizando esse preceito como guia para ajudá-los a superar os infortúnios presentes na vida humana.

É imperativo destacar a sagacidade dessa definição trazida por ele, especialmente quando lembramos que, no cerne da teoria de Marx, está a crítica à religião e o fim das instituições religiosas como algo necessário para atingir o mundo pós-capitalista. Nesse contexto, o autor critica veementemente os intelectuais por pregarem as ideias de Marx e, ao mesmo tempo, caírem no paradoxo de transformarem as ideias do próprio Marx naquilo que ele combatia: a “religião” (SANCA, 2021, p. 10).



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Ademais, também é relevante entender que essas críticas foram pensadas e desenvolvidas como consequência de inquietações sentidas por Aron em relação aos outros filósofos e sociólogos de seu tempo — ou seja, ao longo de meados do século XX. Segundo ele, esses intelectuais tratavam o marxismo como uma “religião secular” e ignoravam, por exemplo, os males cometidos pelos partidos comunistas e pelos movimentos de esquerda feitos em nome dessa vertente ideológica. Suas pontuações tinham como foco principalmente os intelectuais contemporâneos que adotavam perspectivas marxistas, as quais Aron identificava como insuficientes ou até equivocadas, de maneira acrítica. Nesse sentido, o autor acabou sendo classificado como “inimigo do comunismo” e “direitista” por ir contra a forma de pensamento majoritário entre os intelectuais, que era de esquerda e marxista (DIAS JÚNIOR, 2013, p. 298).

Para além disso, urge destacar como o autor conheceu as obras de Marx, pois foi somente após seus estudos que ele foi capaz de desenvolver sua opinião crítica. Desse modo, Aron, em seu livro “*Le Marxisme de Marx*” — uma obra póstuma advinda da transcrição de um curso ministrado na Universidade de Sorbonne, entre 1962 e 1963, e complementado por partes de um segundo curso sobre Marx, dado no Collège de France, em 1976 e 1977 —, confessou que já fazia 31 anos desde a primeira vez que iniciou sua investigação acerca de Marx e revelou que o primeiro texto que leu do comunista foi “O Capital” — escrito por Karl Marx e publicado originalmente em 1867. Aron detalha que começou a estudá-lo porque queria encontrar respostas para suas dúvidas, principalmente em relação à crise econômica que perdurava na Europa daquele período. Ele almejava encontrar em Marx a confirmação do socialismo e acreditar, da mesma maneira que grande parte dos intelectuais, que ali estavam as soluções. Entretanto, não foi convencido (DIAS JÚNIOR, 2013, p. 302)

Tentei durante muito tempo me convencer de que Marx tinha razão, porque via nele boas vantagens em outros aspectos. Não consegui. Não me tornei, então, marxista. Não há, porém, outro autor que eu tenha lido tanto quanto Marx, de quem não parei ainda de falar mal. (ARON, 2003, p. 260).

Com essa passagem do autor, é possível tanto provar o exposto no parágrafo anterior quanto trazer uma nova constatação: Raymond Aron foi um dos maiores estudiosos de Karl



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Marx no século XX. Consequentemente, é de suma importância fazer um breve percurso de como esse estudo se desenvolveu. Aron fez uma análise sobre as bases intelectuais de Marx para conseguir traçar as fontes teóricas por ele utilizadas e, assim, entender melhor suas propostas, que se desenrolaram a partir de raízes específicas. Dentre essas, as principais foram a filosofia clássica alemã, de acordo com Sanca (2021), representada principalmente por Friedrich Hegel (1770-1831), e a economia clássica, com ênfase na figura de David Ricardo (1772-1823).

Em uma análise inicial, Hegel emerge como a principal referência da filosofia clássica alemã para Marx. É a partir do estudo das concepções hegelianas que Marx extrai a essência de suas primeiras indagações teóricas e desenvolve seu método: o Materialismo Dialético. Essa forma de pensamento pode ser compreendida como a versão marxista do Idealismo Dialético de Hegel, com a diferença crucial de que Marx substitui a ideia, como força motora da história, pela luta de classes, adaptando-a às suas próprias visões. Esse período mais filosófico é característico da fase do Jovem Marx — que se inicia em 1841 com a sua dissertação de doutorado “Diferença da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro” e finaliza com “O Manifesto Comunista” em 1848. Esse conceito, “Jovem Marx”, foi desenvolvido por Raymond Aron para facilitar a compreensão sobre Karl Marx e, também, para compreender melhor como se deu o aprimoramento das perspectivas do marxista (SANCA, 2021, p. 10).

Em seguida, no que diz respeito ao período mais econômico, Aron o classifica como a fase do Marx Maduro. Após “O Manifesto Comunista”, considerado uma obra de transição, este período tem seu início em 1848 até o fim da vida do autor. Sem dúvida, a economia política inglesa desponta como uma referência crucial para o pensamento marxista. De maneira análoga à sua abordagem da dialética hegeliana, Marx extraiu elementos econômicos de pensadores liberais — com maior foco nas contribuições de David Ricardo —, como a teoria do valor-trabalho, e os reestruturou para se adequarem à sua própria linha de raciocínio. A partir disso, Marx, segundo ARON (1999), almejava desenvolver uma fórmula cientificamente rigorosa para a economia capitalista, atribuindo características dialéticas às proposições econômicas. Ele considerava essa abordagem fundamental para desenvolver uma análise que transcende as barreiras das áreas de estudo (SANCA, 2021, p. 11).



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Por fim, fica evidente a dedicação de Raymond Aron ao estudo de Karl Marx. Mesmo sendo um pensador de direita, Aron inicialmente buscou assimilar a visão marxista. Ao não conseguir, dedicou-se a criticá-la e a apontar problemas que identificou nas diversas obras de Marx (DIAS JÚNIOR, 2013).

3.1 CRÍTICAS DO AUTOR AO MARXISMO

Uma vez tendo estudado a fundo o pensamento marxista, Raymond Aron estrutura uma série de críticas sobre sua legitimidade científica. O que mais o incomoda é a incapacidade de Marx de provar empiricamente sua teoria, de traçar um esmiuçamento detalhado e sistemático, além de factível, sobre a inevitabilidade da ascensão do socialismo. Para Aron, mais do que o caráter científico, o que se destaca no marxismo é o lado quase religioso de suas concepções (DIAS Jr., 2013).

Assim, o autor analisa tanto a teoria marxista quanto a perspectiva que esta propõe - e acaba por discordar de ambas. Em relação à teoria, afirma que a economia nunca foi, nem será, o agente determinante da História, como sugerido por Marx (Tapias, 2013). Essa seria uma visão muito simplista dos fatos, que acabaria por limitar a multiplicidade social, pois ignora valores, imaginários, projetos e esperanças — variáveis que são únicas e particulares de cada sociedade. No que tange a perspectiva, Aron questiona a probabilidade da revolução socialista, alegando que tal determinação transcende o empírico: não há como estabelecer com certeza qual será a reação de um indivíduo ante a crise do capital — não há como afirmar que ele irá revoltar-se —; e mesmo que essa revolta de fato ocorresse, não seria possível garantir que ele seguiria o movimento coletivo da revolução. Essas ideias teriam partido de generalizações, as quais não levam em consideração a essência dos indivíduos, nem as questões que a influenciam, como religião, ética e cultura; o que possibilita que o determinismo se sobreponha à possibilidade do acaso (TAPIAS, 2013).

O marxismo, a partir de sua chocante dimensão profética, ultrapassando os limites da experiência na condenação de uma evolução universal, elimina diretamente os acidentes, suprime a pluralidade e restringe a liberdade dos indivíduos e das sociedades em sua imprevisível aventura histórica. (ARON, 1981 apud Tapias, 2013).



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

É partindo desses pressupostos que Aron apresenta o caráter religioso do marxismo: a visão progressista da História, sustentado pelas generalizações, apresenta uma origem para o mundo tal qual ele é hoje (a luta de classes), estimula a indignação com o presente e traz a esperança de um futuro melhor: o comunismo (TAPIAS, 2013). Nesse contexto, o proletariado assumiria o papel de “classe universal”, a qual teria o destino “messiânico” de salvar a sociedade geral por meio da Revolução. Contudo, o autor retifica que, historicamente, as revoluções sempre foram realizadas por minorias (pequenos grupos), logo, uma revolução da maioria seria algo pouco provável, uma ilusão (DIAS Jr., 2013).

Mas, afirma Raymond, mesmo que a perspectiva revolucionária fosse certa, continuaria sem fazer bem à sociedade, pois, se o futuro já está determinado, deixa apenas duas possibilidades para os indivíduos: ou se tem paciência para esperar que a revolução se realize (o que levaria a um cenário de passividade e irresponsabilidade política, uma vez que o destino é certo e independe do indivíduo) ou se tem beligerância para acelerar o processo (fomentando a violência e provocando instabilidade social). Apesar de radicalmente diferentes, ambas as perspectivas se apresentam de modo prejudicial para a população e o próprio desenvolvimento social (Tapias, 2013).

Em suma, Raymond Aron - que era sim grande admirador da obra de Marx - acredita que o marxismo se equivoca ao prender-se à criação de “leis de desenvolvimento social” (ou seja, que embasassem a revolução socialista) ao invés de explicar cientificamente o papel das classes dentro do sistema capitalista (Dias Jr., 2013).

4. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

O presente trabalho foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica sistemática de trabalhos acadêmicos e outras fontes (dentre eles artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e livros) tais como “O ópio dos intelectuais” (1955) e “Paz e guerra entre as nações” (1962), e a vida de Raymond Aron.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse sentido, as contribuições de Raymond Aron para o campo das Relações Internacionais são plurais e diversificadas. Sua trajetória começa a partir da atuação como jornalista em jornais como “*Le Figaro*” e “*L’Éxpress*”. Essa experiência lhe deu o respaldo técnico e empírico para fundamentar suas reflexões em relação às R.I., assim Aron, em seu artigo *De l’analyse des constellations diplomatiques*, elaborou uma série de questões para guiar a compreensão da política internacional e da diplomacia.

[...] Pude, assim, gradualmente, elaborar não um sistema de conceitos, mas uma pluralidade de pontos que visa a partir dos quais, a meu ver, convém analisar as constelações diplomáticas. A consideração simultânea desses diferentes pontos de vista permite evitar a enumeração incompleta, as interpretações parciais, e por isso parciais – perda das ciências sociais. (ARON, 1954, p. 237).

Além disso, o sociólogo foi um dos pioneiros a desenvolver o campo das R.I. na França com o seu livro “*Paz e Guerra Entre as Nações*” publicado, originalmente, em 1962. Esse é um feito muito importante pois introduziu os estudos internacionais — que tiveram sua gênese nos Estados Unidos e na Inglaterra — no âmbito das ciências sociais na França. Todavia, ainda há uma hegemonia de autores e teorias de origem anglo-americana no desenvolvimento das Relações Internacionais. Desse modo, apesar de Raymond Aron ser considerado um importante autor das R.I., suas obras não são tão difundidas no cenário acadêmico brasileiro, isso se dá em partes pela postura autônoma adotada pela academia francesa e em partes porque a produção acadêmica de Relações Internacionais no Brasil está alinhada às tendências internacionais (AMORIM AZEVEDO, 2018).

Ademais, o autor não chegou a desenvolver uma teoria geral das Relações Internacionais, pois, para ele, não era possível criar uma estrutura que pudesse condensar e prever todas as reviravoltas e movimentos inesperados que caracterizam o campo internacional (HOLEINDRE, 2012, p. 39). Ao invés disso, Aron defendeu a criação de uma sociologia das Relações Internacionais que abandonasse o tecnocratismo inerente à essa área de estudo, e buscasse focar nas relações estabelecidas entre os atores do sistema internacional.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Muito da crítica de Raymond Aron está relacionada à realidade de seu tempo. Nesse sentido, ele foi um ávido estudioso de Karl Marx e elaborou um contraponto crítico às abordagens marxistas que estavam em evidência na sua época. Ele teceu grandes críticas a regimes totalitários como a URSS e o stalinismo e chegou a elaborar em sua obra, “O Ópio dos Intelectuais” (1955), a noção de que muitos pensadores contemporâneos a ele caíam nas armadilhas dos “mitos marxistas”. Com isso, Aron criou ferramentas para analisar o uso das ideologias na formação das Relações Internacionais.

Apesar de sua análise ser majoritariamente crítica, Aron não se considerava simplesmente um antimarxista (DIAS JUNIOR, 2013, p. 123), na verdade, ele procurava criticar as deturpações políticas causadas por reinterpretações da teoria de Marx no século XX. Com isso, o autor se tornou um pilar importante para o debate das R.I., por se apresentar como um opositor àqueles alinhados ao pensamento de Marx.

Portanto, os seus estudos aprofundados em relação ao marxismo e à Karl Marx foram imperiosos para a construção do viés crítico inerente à análise das Relações Internacionais elaborada por Raymond Aron. Assim, Aron inaugura uma categoria de compreensão das R.I., que une criticidade ao esforço de driblar concepções pré-estabelecidas por ideologias dominantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a ampla exposição da vida e pensamento de Raymond Aron apresentada ao longo deste trabalho, mostra-se inegável a importância de sua pesquisa e obra, tanto na função de contraponto à ideologia predominante entre os críticos da política no cenário da Guerra Fria, quanto para uma base analítica para o próprio campo das Relações Internacionais. Como dito, Aron foi um homem de seu tempo, moldado pelos fenômenos adversos da Europa do século XX, o que influenciou, em grande parte, a construção de sua visão realista — e até, poder-se-ia dizer, desencantada — do mundo.

As críticas do autor ao pensamento marxista provam-se certas e válidas, uma vez que põem em xeque o determinismo da doutrina e apontam a tendência de “manada” — insurgência de seguidores obcecados e acríticos — que estava tomando no decorrer daquele período. Contudo, é possível dizer que Aron, de certa forma, exagera o “caráter religioso” do



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

marxismo em sua interpretação, possivelmente falhando em realizar uma análise científica isenta de personalismo; ou, senão, falha em compreender verdadeiramente a concepção da classe trabalhadora (a maior parcela da sociedade) e seu papel não de redenção de algo maior que ela — como ele propõe com o termo "sociedade geral" —, mas sim de autorredenção.

Embora relevante, o autor ainda não é referência nos estudos de Relações Internacionais do Brasil, o que pode ser considerado uma perda para a área. Uma pesquisa sobre o marxismo nas Américas, por exemplo, tendo em antítese o pensamento de Raymond Aron, seria, no mínimo, interessante. Desse modo, pode-se afirmar que as contribuições do autor para esse campo de análise estão longe de terminar, pois muito ainda pode ser extraído de sua obra e posicionamento científico em relação às dinâmicas sociais internacionais.

REFERÊNCIAS

A Guide to the Work of Raymond Aron *In*: contemporarythinkers, 2015. Disponível em: <https://contemporarythinkers.org/raymond-aron/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

AMORIM AZEVEDO, Denizar. **Raymond Aron e os estudos em Relações Internacionais na UNB**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2018.

ARON, Raymond. **De l'analyse des constellations diplomatiques**. Revue française de science politique, n°2, 1954.

DIAS JUNIOR, Antonio Carlos. **A sociologia política de Raymond Aron**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2013.

DAEHNHARDT, Patrícia. **A paz, a guerra e as paixões de Raymond Aron. Relações Internacionais, Lisboa, n. 38, p. 45-58, jun. 2013**. Disponível em: https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri38/ri38_pp_45_58.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

HOLEINDRE, Jean-Vincent. **Raymond Aron e a sociologia das relações internacionais**, IPRI-NOVA, n. 35, p. 035-045 set. 2012. Disponível em: https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri35/n35a03.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

HOLEINDRE, Jean-Vincent. **Raymond Aron e a sociologia das relações internacionais**. Artigo - Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP). Portugal, 2012.

SANCA, Jamiro Paulo. **Karl Marx e a religião: uma reflexão crítica a partir de Raymond Aron**. Monografia – Curso de Sociologia, Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Acarape, 2021.

The Editors of Encyclopaedia Britannica. "Raymond Aron". Encyclopedia Britannica, 10 Mar. 2025, <https://www.britannica.com/biography/Raymond-Claude-Ferdinand-Aron>. Acesso em: 26 jun. 2025.

TAPIAS, A. . **El marxismo como filosofía de la historia: una aproximación crítica desde Raymond Aron. Versiones**. *Revista de Filosofía*, [S. l.], n. 4, p. 6–29, 2013. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/versiones/article/view/21517>. Acesso em: 26 jun. 2025.